



RELATÓRIO DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

AGOSTO DE 2022



REPÚBLICA
PORTUGUESA

AGRICULTURA
E ALIMENTAÇÃO



**Direção Regional de
Agricultura e Pescas
do Norte**

Uma Agricultura com Norte!



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

Divisão de Planeamento, Ajudas e
Estatística

Delegações da DRAP Norte

Projeto realizado em parceria com
o Instituto Nacional de Estatística

NOTA METODOLÓGICA

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal supervisionado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) que, desde 1945, disponibiliza informação de carácter previsional, relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Atualmente, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da DRAP Norte distribuídos pelo território, sobretudo das delegações, sob coordenação da Divisão de Planeamento, Ajudas e Estatística.

Atendendo à natureza da recolha de dados, o sentido de oportunidade é um fator crítico de sucesso no que diz respeito à divulgação da informação. Efetivamente, a necessidade de serem tomadas decisões de cariz político e económico de curto prazo, sobretudo pelas especificidades do setor agrícola, não se coaduna com o tempo de espera por dados obtidos por inquérito ou de dados administrativos obtidos em organismos de intervenção e coordenação económica em áreas definidas. Esta necessidade tem sido particularmente sentida nos últimos anos e com tendência a intensificar-se, em resultado dos efeitos resultantes das alterações climáticas. Os períodos de seca prolongada e de acontecimentos meteorológicos extremos, cada vez mais frequentes, exigem uma constante monitorização do Estado de Culturas e Previsão de Colheitas (ECPC).

Mensalmente, a DRAP Norte produz este relatório que remete para o INE. Por sua vez, este Instituto, procede à agregação e tratamento da informação de todas as DRAP's, bem como de informação administrativa que se encontre disponível à data, e integra-a no Boletim Mensal de Agricultura e Pescas ([INE](#)), cujo âmbito geográfico é o Continente.



REPÚBLICA
PORTUGUESA

AGRICULTURA
E ALIMENTAÇÃO



Direção Regional de
Agricultura e Pescas
do Norte

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

Divisão de Planeamento, Ajudas e Estatística

Rua da República, 133

5370 – 347 Mirandela

☎ + 351 27 826 09 00 ✉ dsce.dpae@drapnorte.gov.pt

<https://drapnsiapd.utad.pt/sia/Estado-das-Culturas>

Capa: Aspeto de uma aldeia na montanha, situada na zona de observação do Lima

Foto por Sandra Coelho



Resumo

Em agosto, esgotou-se a água disponível em diversos poços, minas e nascentes, outrora utilizada na rega de culturas permanentes e temporárias. Em simultâneo, os valores médios da temperatura máxima superaram claramente os da normal climatológica.

A rarefação da oferta alimentar nas pastagens de montanha obriga os animais a maiores deslocações. A distribuição, a título extraordinário, de forragens conservadas tem sido inevitável na maioria das explorações. Esta necessidade, associada à contração da disponibilidade de recursos forrageiros, deixa antever dificuldades acrescidas na alimentação do efetivo animal nos períodos de carência que se seguem, nomeadamente no Inverno.

O início da colheita de diversos frutos (uva para vinho, incluído) foi antecipado, em muitas zonas, suscitando o ajustamento do funcionamento das respetivas estruturas de transformação e armazenamento.

Estamos perante um cenário desolador, levando à revisão em baixa das produtividades e, conseqüentemente, das produções globais referentes à maioria dos produtos. Também se perspetiva a obtenção de produtos de menor qualidade.

Face a este cenário é cada vez mais premente repensar as estratégias de adaptação e mitigação dos efeitos das alterações climáticas, nomeadamente no aumento da capacidade de armazenamento das águas superficiais e da eficiência da rega.



Índice

1	Estado do tempo e sua influência na agricultura	5
1.1	Sub-Região do Entre Douro e Minho	5
1.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	6
2	Cereais Praganosos para Grão	9
2.1	Sub-Região do Entre Douro e Minho	9
2.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	9
3	Outros Cereais para grão (Milho Sequeiro/Regadio)	10
3.1	Sub-Região de Entre Douro e Minho	10
3.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	11
4	Leguminosas secas	13
4.1	Sub-Região de Entre Douro e Minho	13
4.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	13
5	Batata	13
5.1	Sub-Região de Entre Douro e Minho	13
5.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	14
6	Frutos Frescos e Pequenos de Baga	15
6.1	Sub-Região de Entre Douro e Minho	15
6.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	17
7	Citrinos (Laranja)	20
7.1	Sub-Região do Entre Douro e Minho	20
7.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	20
8	Frutos Secos	20
8.1	Sub-Região do Entre Douro e Minho	20
8.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	21
9	Vinha	23
9.1	Sub-Região de Entre Douro e Minho	23
9.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	24
10	Olival	25
10.1	Sub-Região de Entre Douro e Minho	25
10.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	25
11	Prados, pastagens e culturas forrageiras	26
11.1	Sub-Região do Entre Douro e Minho	26
11.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	28
12	Fitossanidade	28
12.1	Sub-Região do Entre Douro e Minho	28
12.2	Sub-Região de Trás-os-Montes	29
13	Tabelas com os valores quantitativos recolhidos	30

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 Sub-Região do Entre Douro e Minho

De acordo com um relatório do IPMA (31 de julho 2022), todas as regiões em observação na sub-região do EDM estão em seca severa e a [percentagem de água no solo](#) desceu para níveis preocupantes.

O rio Lima e seus afluentes apresentam um caudal muito abaixo do normal para a época, levando a que a barragem do Lindoso se encontre com uma cota de armazenamento de água muito baixa. Nos poços e furos nota-se também a diminuição do volume de água, determinando regas mais contidas, apesar de cada vez mais necessárias. Nos sistemas de agricultura tradicionais, em que ainda subsiste a prática dos giros de água, advém um problema acrescido: como o solo está muito seco, perde-se muita água nos regos, entre a origem e o destino.

Nas zonas de maior altitude, a disponibilidade de água para abeberamento animal é manifestamente inferior à habitual, mas não são conhecidos problemas neste domínio.

No caso da vinha, verificam-se situações de escaldão e cachos mirrados. No milho em sequeiro, semeado tardiamente, as plantas estão completamente secas e sem espiga formada.

Os milhos (grão e silagem) estão maioritariamente na fase de enchimento de grão. As culturas permanentes com maior proeminência na região - nomeadamente o kiwi e a vinha - encontram-se na fase de crescimento e da maturação, em que a humidade ainda é muito importante.

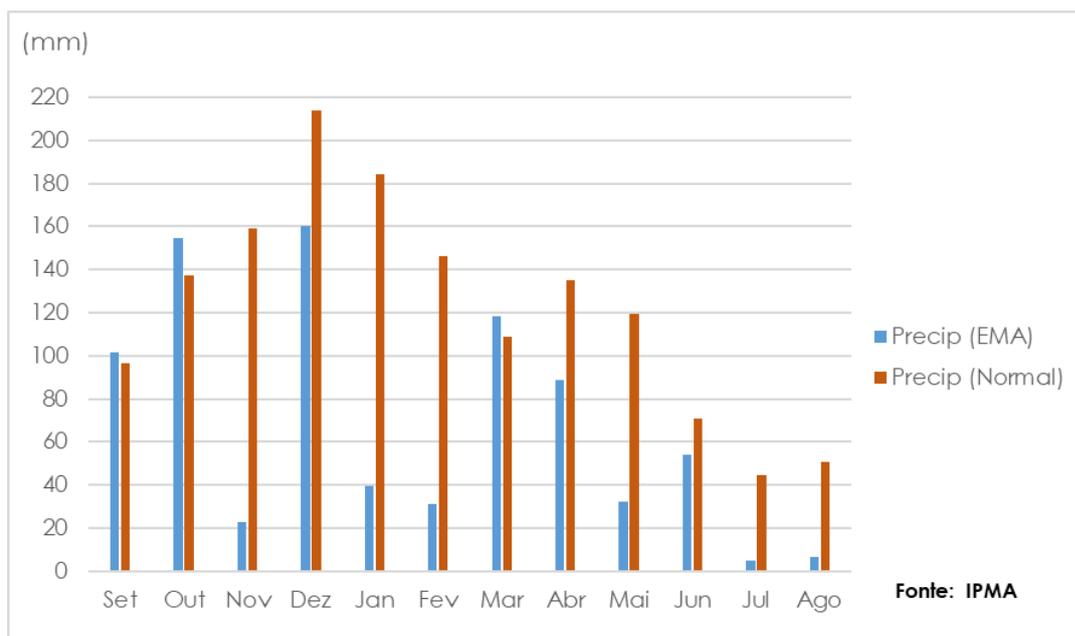


Gráfico 1. Precipitação ocorrida nas Estações Meteorológicas Automáticas (EMA) do IPMA, em 2021/2022, na sub-região do EDM por comparação com as Normais climatológicas (1971-2000).

As médias das temperaturas máximas e mínimas apresentam valores superiores aos das Normais Climatológicas para o mesmo período (gráfico 2). Já a média das temperaturas médias é praticamente igual à da Normal Climatológica para o mesmo período (gráfico 2).

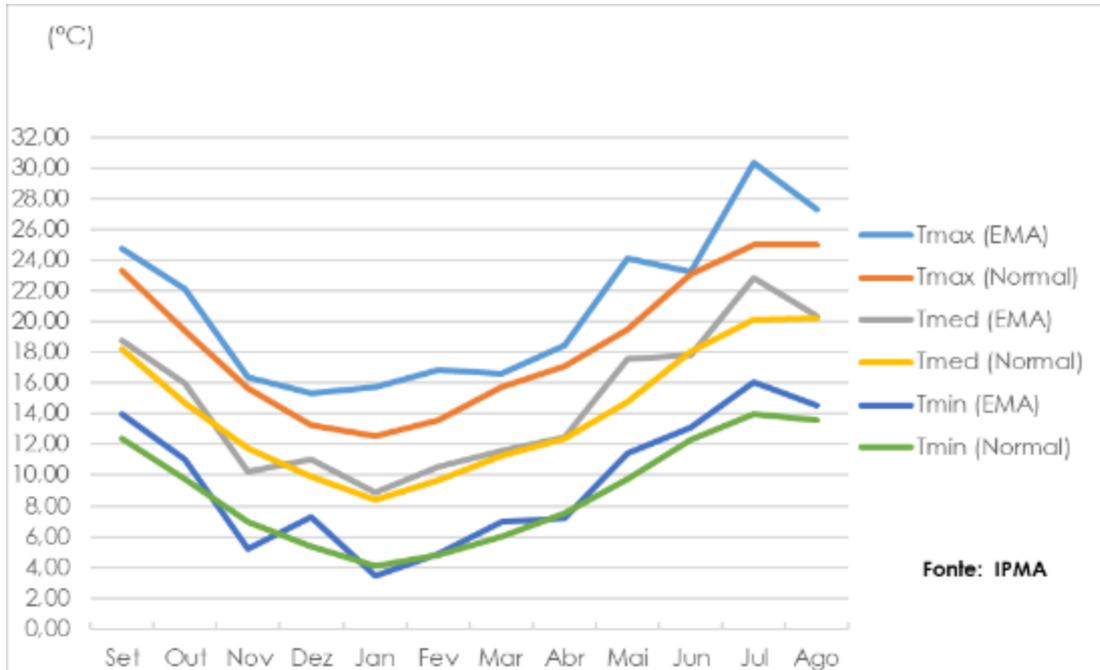


Gráfico 2. Temperaturas ocorridas nas EMA do IPMA, em 2021/2022, na sub-região do EDM por comparação com as Normais climatológicas (1971-2000).

No último dia do mês de julho de 2022, as bacias hidrográficas da sub-região do EDM, apresentavam os seguintes valores, comparativamente à sua capacidade total de armazenamento: 17,4% na bacia do Lima; 36,4% na bacia do Cávado e 29,2 % na bacia do Ave.

1.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

Em termos meteorológicos, o mês de agosto não fugiu à tendência de valores máximos de temperatura muito acima da normal climatológica, embora com menor diferença comparativamente ao mês anterior.

Embora não sendo um mês com características pluviométricas significativas, a precipitação ocorrida saldou-se por uns ínfimos 24% da ocorrência normal de precipitação, agravando ainda mais a situação de seca severa/extrema vigente na região.

Segundo dados do IPMA, é de referir que os níveis de [evapotranspiração potencial](#) na região e neste mês variaram entre 4 e 6 mm/dia, atingindo mesmo aos 8 mm/dia em determinados locais. Quanto ao Índice de Água no Solo (IAS) no [mapa da região](#) já é perceptível uma mancha com alguma expressão de área em situação de Ponto de Emurchecimento Permanente (PEP).

No gráfico 3 pode-se constatar que a precipitação total ficou abaixo da normal climatológica (representado 24%), num mês em que os valores da pluviometria costumam ser geralmente baixos.

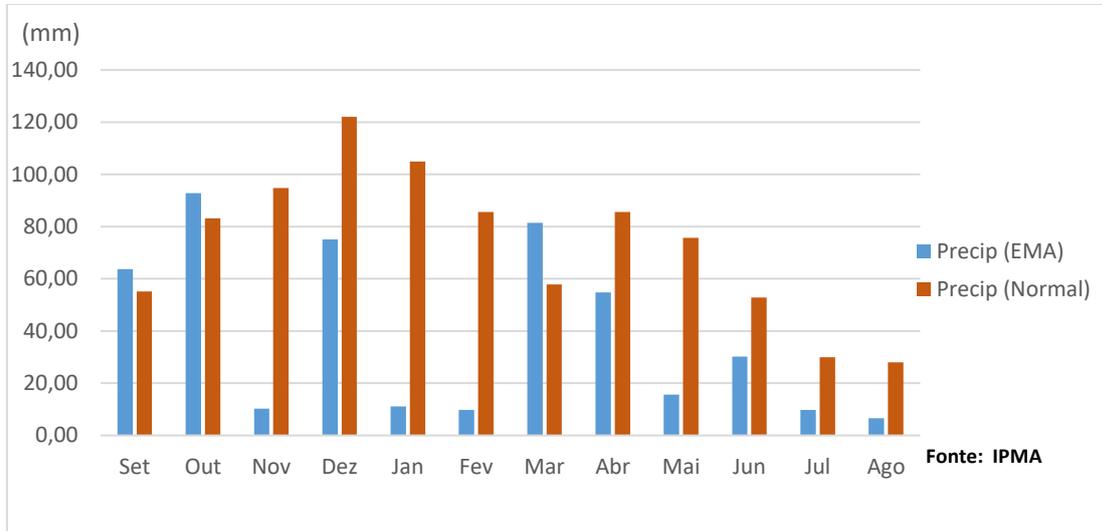


Gráfico 3. Precipitação ocorrida nas EMA do IPMA em 2021 e 2022, na sub-região de TM por comparação com as Normais climatológicas (1971-2000).

Quanto aos valores da temperatura, como se pode constatar no gráfico 4, o da máxima encontra-se 1,5°C acima da normal, com a agravante de, no mês anterior, esta diferença ser ainda mais significativa, de mais de 3°C. No entanto, ao contrário do mês de julho, a temperatura mínima foi menor, o que se refletiu num valor de temperatura média do ar apenas ligeiramente superior ao da normal.

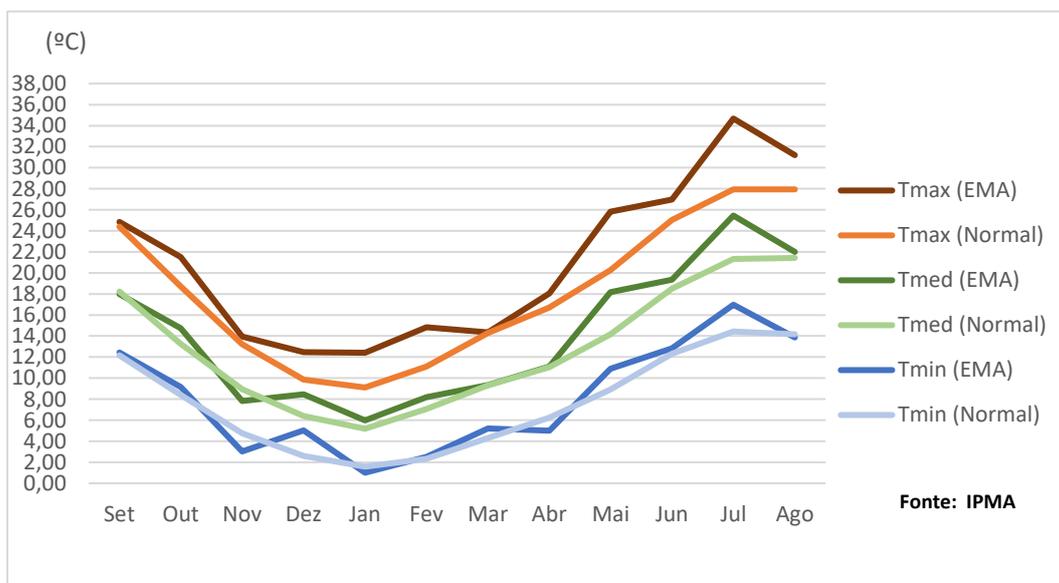


Gráfico 4. Temperaturas ocorridas nas EMA do IPMA em 2021 e 2022, na sub-região de TM por comparação com as Normais climatológicas (1971-2000).

As condições meteorológicas acima referidas permitiram a realização dos diferentes trabalhos agrícolas, nomeadamente o término da ceifa e debulha dos cereais praganosos para grão, a colheita da batata e o início da colheita da amêndoa.

O nível global médio de armazenamento útil dos aproveitamentos hidroagrícolas da região Norte, monitorizados pelos nossos serviços de Ambiente e Infraestruturas, era de 35,9% em 26/08/2022. Salienta-se que, dos 13 aproveitamentos hidroagrícolas monitorizados, 4 estão entre os 55 e 71%, e os restantes 9 abaixo dos 36%, sendo que 3 destes têm níveis de apenas 1/6, ou menos, do nível máximo. Este nível de armazenamento tão reduzido em alguns aproveitamentos hidroagrícolas faz antever problemas na disponibilidade de água no restante período estival, se não forem tomadas medidas adicionais conducentes a uma utilização eficiente da água.



Barragem de Gostei em Bragança, zona de observação da Terra Fria.

Em 23 de agosto de 2021.

Fotos por Anabela Coimbra



Em 24 de agosto de 2022.



Barragem de Vale de Madeiro, em Mirandela, na zona de observação da Terra Quente.

Em agosto de 2021.

Fotos por Paulo Guedes



Em agosto de 2022.



Barragem de Lumiares em Armamar,
zona de observação do Beira Douro e
Távora.

Foto por Rui Lagoa

2 Cereais Praganosos para Grão

2.1 Sub-Região do Entre Douro e Minho

As culturas de cereais praganosos de Outono-Inverno são realizadas praticamente em exclusivo para autoconsumo e auto utilização nas explorações.

As colheitas destes cereais estão concluídas, estimando-se produções inferiores às do ano anterior.

As quebras de produção da aveia e do centeio devem-se à acama provocada pela chuva de julho, ataque dos pássaros e dos javalis.

2.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

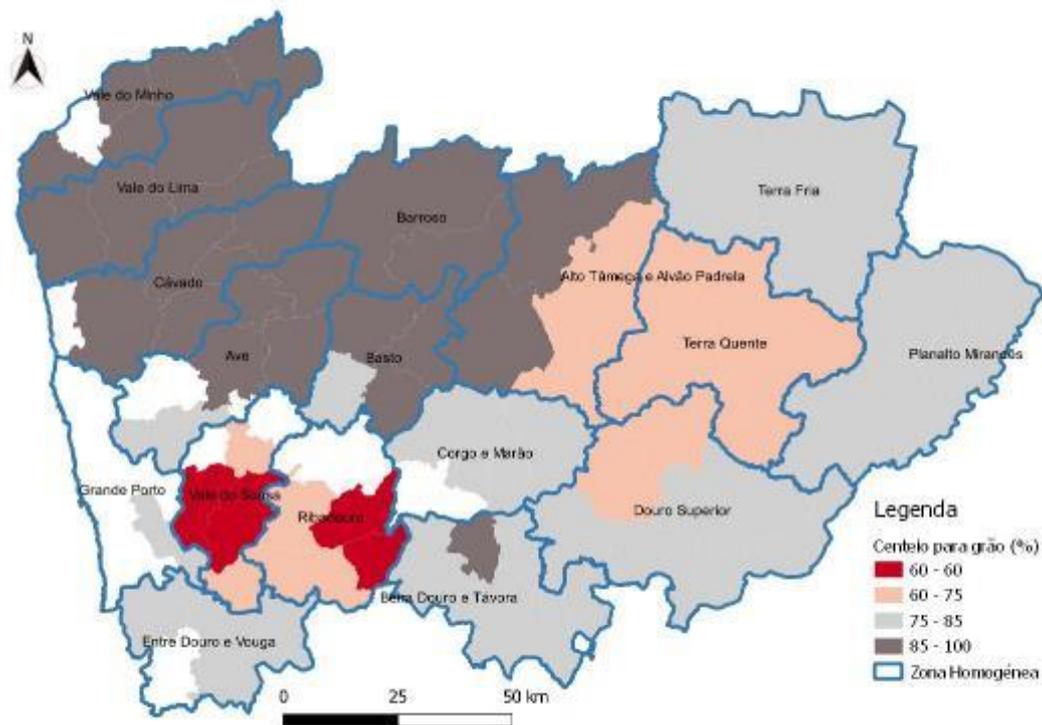
A ceifa/debulha dos cereais praganosos para grão está praticamente concluída na totalidade da sub-região, concluindo-se que em relação ao mês anterior houve uma revisão em baixa da estimativa da produção. A título de exemplo para o trigo, premissa também para todos os outros cereais praganosos, o grão obtido é de qualidade inferior à do ano anterior, com um peso específico que em algumas searas não vai além de 55 kg/hl, bastante abaixo do valor para a qualidade padrão que varia entre 75 e 82 kg/hl e mesmo ao ano anterior que já tinha sido inferior, de cerca de 65 kg/hl. A produção de palha também será inferior à do ano transato.

Comparativamente ao ano anterior, estimam-se quebras na produção global colhida de grão, para o trigo de -17,8% (-928 t), para o centeio de -16,1% (-1949 t), para a aveia de -3,2% (-78 t), para a cevada de -11,9% (-13 t) e para o triticales de -8,3% (-50 t).

Como última nota, será de referir o crescente número de queixas dos produtores, relativamente aos estragos provocados por algumas espécies cinegéticas (cervídeos e javalis), com a sua intensidade em crescendo.



Parcela com centeio, em Bragança, na zona de observação da Terra Fria e rolos de palha (direita)
Fotos por Anabela Coimbra



Mapa 1. Evolução da produção global colhida do centeio para grão, comparativamente ao ano anterior – por concelho (%).

3 Outros Cereais para grão (Milho Sequeiro/Regadio)

3.1 Sub-Região de Entre Douro e Minho

A cultura do milho é um bom exemplo do exercício de gestão das prioridades no consumo de água de rega. Ao lado de parcelas em que os milheirais se apresentam viçosos e bem desenvolvidos encontramos outras com plantas pouco desenvolvidas, destinadas a corte para a alimentação animal.

O milho de sequeiro está a sofrer as consequências da seca, sendo o seu estado de desenvolvimento vegetativo dependente da localização, do tipo de solos e da época em que foram semeados. Os que foram semeados precocemente (alguns em março) beneficiaram da humidade de maio e junho e formaram boas espigas. Já os de sementeiras tardias originaram plantas completamente secas, sem espigas. Há milhos já maduros e com boas espigas; mas outros, semeados mais tardiamente - que ainda estão na formação da espiga - não vão concluir o seu ciclo vegetativo. Em termos gerais, estima-se uma quebra de cerca de 6% na produtividade, que pode variar consoante a localização.

De um modo geral, os campos de milho grão de regadio – dispondo, normalmente, de solos mais férteis - estão bons, mas alguns manifestam sintomas de stress hídrico. Prevê-se

uma produção inferior (-8%) à do ano anterior, até porque o ano de 2021 foi excepcional. Algumas plantas de certas variedades de milho ficaram muito baixinhas, não afetando a produção do grão. Este comportamento foi influenciado pelo tipo de solo e verificou-se em todas as zonas de observação.

A maior parte da área da cultura do milho de regadio, está na fase de enchimento, sendo essencial a satisfação das necessidades hídricas das plantas.



À esquerda, milho para grão (variedade ciclo 400), que ficou muito baixo apesar de ter boas espigas. À direita, milho (variedade ciclo 500), com desenvolvimento normal, por ser um solo mais "lento". Santa Maria da Feira, zona de observação de Entre Douro e Vouga.
Foto por Isabel Correia



À esquerda, milho forrageiro, a 21 de julho de 2022. À direita, a mesma cultura, mas um mês depois, apresentando sintomas evidentes de falta de água.
Fotos por Aurora Alves

3.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

No milho grão de regadio, a situação vigente de seca severa/estrema, associada a uma redução explícita dos recursos hídricos disponíveis para a rega, estão a restringir de forma significativa o desenvolvimento vegetativo da cultura provocando uma redução de -21,1% (- 713 kg/ha) da produtividade, em relação ao ano anterior.

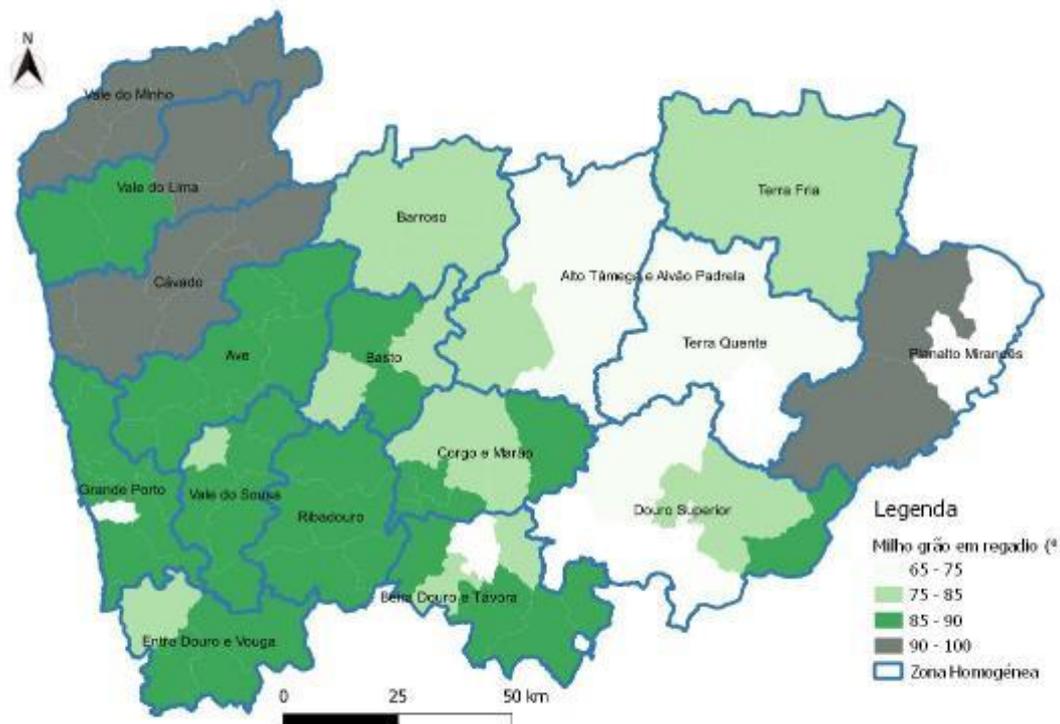
O milho de sequeiro, dada a baixa percentagem de água no solo, tem tido grandes dificuldades para garantir um desenvolvimento vegetativo compatível com uma produção de nível normal, prevendo-se um maior agravamento no decréscimo da produtividade deste cereal, sendo agora de -26,9% (-298 kg/ha), relativamente ao ano transato.



Milho de sequeiro, em Carrazeda de Ansiães, zona de observação do Douro Superior.
Foto por Paulo Guedes



Milho de sequeiro, em Vinhais na zona de observação da Terra Fria.
Foto por Anabela Coimbra



Mapa 2. Evolução da produtividade do milho para grão em regadio, comparativamente ao ano anterior – por concelho (%).



4 Leguminosas secas

4.1 Sub-Região de Entre Douro e Minho

Não obstante a prática de regas frequentes ao longo do ciclo da cultura do feijão (cultura realizada em regadio), a floração e vingamento foram afetadas pelas elevadas temperaturas. Encontram-se em fase de colheita e secagem. Prevê-se uma produção inferior (-9%) à do ano transato.

4.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

No mês anterior não foi ainda muito perceptível a influência do estado de seca vigente. Já neste mês, o seu agravamento originou a revisão em baixa da produtividade, mais acentuado no caso do feijão, pela sua ocupação no solo em períodos mais estivais. Assim, a previsão quer para o grão-de-bico, quer para o feijão, aponta para decréscimos da produtividade, respetivamente de -5,0% (-40 kg/ha) e de -15,0% (-126 kg/ha), em relação ao ano anterior. Parte desta redução de produtividade está relacionada com a escassez de água para rega em determinadas zonas.

Mais uma vez se refere que, embora existam áreas destas culturas feitas com objetivo comercial, parte muito significativa do que é semeado destina-se ao autoconsumo.

5 Batata

5.1 Sub-Região de Entre Douro e Minho

Está concluída a colheita da batata. A falta de água e as elevadas temperaturas originaram quebras de produção e tubérculos de tamanho médio a miúdo (causando uma menor produção).

A batata é de calibres médios a pequenos e sã.

Na batata colhida verificam-se alguns distúrbios fisiológicos:

- Crescimento secundário (formação irregular do tubérculo provocado pelo seu crescimento não uniforme após um período de stress que temporariamente paralisa este crescimento).
- Mancha preta no interior do tubérculo (manchas irregulares, de cor cinzenta e preta, na região central do tubérculo, provocada por forte calor durante a fase final da tuberização no campo).

Batata de sequeiro

Possui calibres pequenos e médios e é de qualidade satisfatória, prevendo-se uma razoável conservação, devido às condições meteorológicas ocorridas durante todo o seu ciclo vegetativo. Não há registo de problemas de comercialização. Prevê-se uma grande quebra (-19%) da produção em relação ao ano anterior.

Batata de regadio

De uma forma geral, a qualidade da batata produzida é boa, com bons calibres, embora se registem situações de apodrecimento em armazém. A estimativa é de uma diminuição (-17%) da produção, comparativamente ao ano transato.



Colheita da batata de regadio, em Vila Verde, zona de observação do Cávado.
Fotos por Maria Laura



Fenómeno fisiológico (aspeto do interior da batata escurecido) provocado pelas elevadas temperaturas na fase de maturação dos tubérculos. Vila Nova de Gaia, zona de observação do Grande Porto.
Foto por Isabel Correia

5.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

A cultura é realizada na condição de sequeiro e precocemente no calendário cultural, beneficiando em anos normais de mais água disponível no solo. Porém, este ano, em virtude da escassez de água e das temperaturas do ar acima das normais no período do seu desenvolvimento, estima-se uma quebra da produção global colhida de -22,2% (-1387 t), relativamente ao ano anterior.

Prunóideas (Pêssego)

O vingamento foi muito prejudicado pelas condições meteorológicas, pelo que se estima uma quebra (-10%) da produção, por comparação com o ano precedente.

Kiwi

A cultura do kiwi está com um desenvolvimento normal, mas os agricultores estão apreensivos com a falta de água, visto tratar-se de uma cultura com grandes necessidades hídricas. Numa fase de crescimento do fruto, a falta de água vai comprometer o calibre e consequentemente o preço de venda. Devido às elevadas temperaturas, verificam-se, em alguns pomares, frutos com calibres relativamente irregulares.

Já se iniciou a colheita do kiwi arguta, que decorrerá por mais três semanas. Trata-se uma cultura nova, exigente em termos tecnológicos. Os agricultores que recorreram a abelhas, têm melhores produções, devido a uma frutificação mais eficaz. O calibre da fruta é mais uniforme.

Não há dificuldade na contratação de mão-de-obra para a colheita. As restrições decorrentes da pandemia levaram ao aumento da mão-de-obra nacional, nomeadamente estudantes universitários (há problemas relacionados com perda de direitos destes estudantes, nomeadamente bolsas e a ADSE, mas são situações que são possíveis de reversão).

Os agricultores que pagaram “royalties” comercializam através de empresas estrangeiras, nomeadamente francesas. Quem fez a plantação de variedades livres e ficou com a comercialização à sua



Pomar de kiwi da variedade Érica, na maturação dos frutos, com bom calibre e onde se preveem boas produtividades. Zona de observação do Minho.
Foto por Aurora Alves

responsabilidade, está a arrancar os pomares ou a reverter para kiwi Hayward, por dificuldades na comercialização. Estima-se uma quebra (-9%) de produtividade em relação ao ano passado.

Mirtilo

As colheitas das cultivares mais tardias estão a decorrer com normalidade. Em comparação com as cultivares mais precoces, as mais tardias estão a ser colhidas sem problemas de rejeição e com boa qualidade, porque as necessidades em horas de frio são menores.



Nesta campanha, alguns agricultores optaram por não efetuar a colheita, devido ao baixo valor pago pelo fruto e ao aumento dos preços dos fatores de produção. Registam-se dificuldades na contratação de mão-de-obra para as diversas operações culturais.

De um modo geral, estima-se uma quebra (-21%) muito significativa na produção, por comparação com o ano transato.

6.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

Pomóideas: Maçã e Pera

A situação de seca vigente, combinada com a redução dos recursos hídricos, está a limitar num futuro próximo a produção de frutos com as exigências de mercado, obrigando os produtores a várias passagens na mesma árvore para a colheita dos frutos.

Deste modo, estima-se uma redução da produtividade, comparativamente ao ano anterior, sendo na maçã de -15,5% (-4835 kg/ha) e na pera de -15,3% (-2019 kg/ha).

Face à escassez de água, em alguns pomares, os produtores procederam a uma monda manual seletiva - em complemento à monda química efetuada anteriormente - com o objetivo de obter bons calibres.

Dada a ocorrência de um avanço vegetativo nas culturas, já se iniciou a colheita de algumas variedades de maçã, verificando-se que o calibre é menor e com tonalidades mais esbatidas.

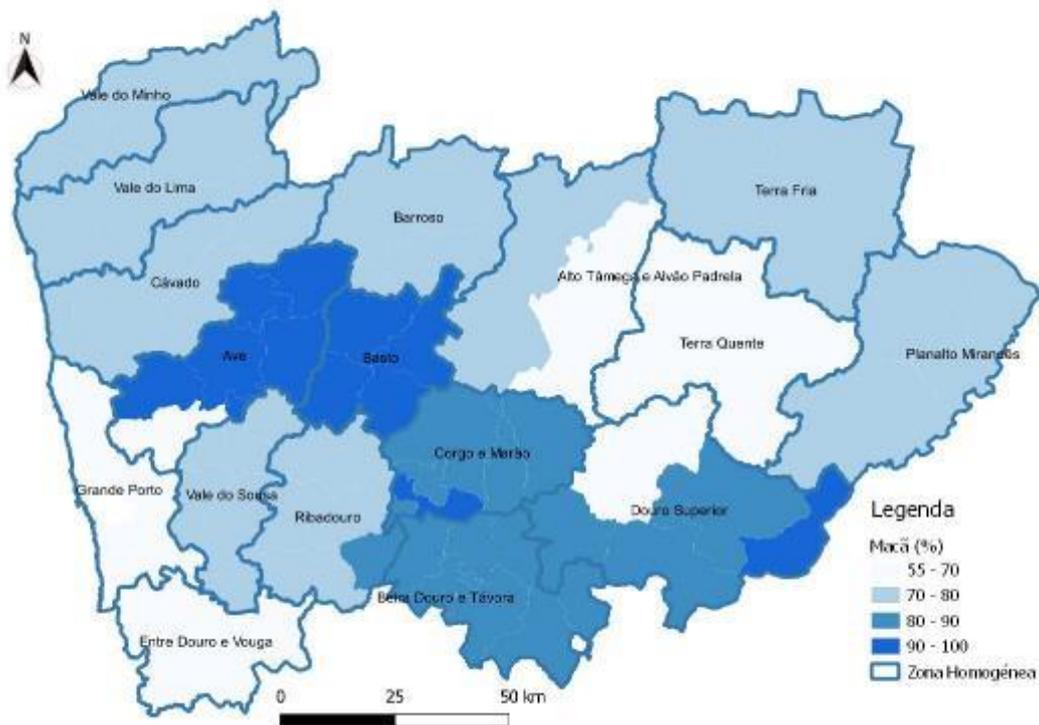


Pomares de macieiras, na zona de observação do Beira Douro e Távora.



Colheita de frutos na zona de observação do Corgo e Marão.

Fotos por Rui Lagoa



Mapa 4. Evolução da produtividade da maçã, comparativamente ao ano anterior – por concelho (%).

Prunóideas: Pêssego

Nas variedades de pessegueiros mais precoces e até mesmo nas mais tardias, em virtude das geadas tardias e do estado do tempo, a estimativa da produção global colhida é de uma quebra de -31,5% (-732 t), relativamente ao ano anterior. Contudo, nos pomares novos, com tecnologia de ponta na produção, a quebra será menos expressiva.



Pessegueiros de variedade tardia, na zona de observação do Douro Superior.
Foto por Rui Lagoa

Outros Frutos Frescos: Figo, Mirtilo e Kiwi

Na cultura do figo para venda em fresco, as condições meteorológicas que se fizeram sentir originaram episódios de escaldão e maturações forçadas dos frutos deixando-os com aspeto de estado de maturação adequada, mas com consistência interior com níveis de dureza anormais, calibres pequenos e sem apresentação para venda em fresco. Posteriormente, algum deste produto poderá ter como destino o figo seco. A previsão de produtividade de figo fresco é de uma enorme quebra, de cerca de -67,8% (-203 kg/ha), comparativamente ao ano anterior.



7 Citrinos (Laranja)

7.1 Sub-Região do Entre Douro e Minho

Prevê-se uma quebra (-7%) da produção relativamente ao ano anterior. Verifica-se, contudo, um bom desenvolvimento vegetativo, razoável floração e vingamento dos frutos.

7.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

No cômputo geral a estimativa da produção global colhida da laranja é de uma ligeira quebra de -2,4% (-47 t), face ao valor do ano anterior.

8 Frutos Secos

8.1 Sub-Região do Entre Douro e Minho

Avelã e Noz

Apresentam bom desenvolvimento vegetativo com mais fruta vingada, pelo que indiciam boas produtividades, quando comparadas com o ano anterior.

Castanha

Os castanheiros frutificaram bem e têm muitos ouriços pequenos. A água em agosto é fundamental para o crescimento do fruto, pelo que as perspetivas não são animadoras. A precipitação ocorrida no dia 16 de agosto assegurou alguma humidade atmosférica, refrescou o ar, mas praticamente só molhou o chão.



Castanheiro isolado, em terreno fértil, com boa frutificação em Arouca, zona de observação do Entre Douro e Vouga. Foto por Isabel Correia



Castanheiro com ouriços formados. Zona de observação do Lima. Foto por Sandra Coelho

8.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

Amêndoa

O desenvolvimento vegetativo destas culturas está muito condicionado pela situação de seca na região, podendo mesmo, em certos pomares, num futuro próximo, verificar-se a perda de um considerável número de árvores, sobretudo nos novos pomares.

A floração e parte do vingamento do fruto foi normal. Porém, as geadas tardias e a situação de seca vigente, provocaram um avanço no ciclo da cultura, entre 10 a 15 dias, estando a decorrer a colheita em grande parte dos pomares na região. Há casos em que a casca externa já ultrapassou a fase ideal para a colheita levando os produtores a adotarem medidas de armazenamento dos frutos em recipientes e a procederem ao descasque mecânico 2 a 3 dias depois. A previsão é de uma quebra significativa da produtividade, em cerca de -21,9% (-142 kg/ha), relativamente ao ano anterior.

É de referir que o valor da previsão indicada para o conjunto dos concelhos da Terra Fria de 190%, em contraciclo às restantes zonas, advém do facto de ter entrado em plena produção uma área considerável dos novos pomares implantados e não propriamente às condições meteorológicas do ano agrícola. Contudo, nota-se uma boa adaptação da cultura a altitudes superiores ao limite espectável, facto a que não será alheio o aquecimento global. Estudos de mitigação e adaptação às alterações climáticas deveriam ser incentivados.



Amêndoa, na zona de observação do Douro Superior.
Fotos por Rui Lagoa

Castanha

Na conjuntura vigente de seca severa/extrema, todas as culturas feitas essencialmente na condição de sequeiro, na qual o castanheiro se inclui, estão com níveis de stress hídrico muito elevados, perspetivando-se uma mortalidade de plantas acima do normal num futuro próximo. A floração dos castanheiros decorreu de forma satisfatória, sendo já observável os ouriços formados. As árvores têm um desenvolvimento vegetativo um pouco

incipiente, com uma quase estagnação no desenvolvimento dos ouriços por influência do baixo teor de humidade nos solos e da falta de precipitação, deveras essencial neste mês. A não acontecer no mês de setembro, condicionará fortemente a produção de castanha neste ano agrícola.



Castanheiros com ouriços já visíveis, na zona de observação da Terra Fria.
Fotos por Anabela Coimbra

No entanto, não podemos deixar de referir a preocupação, que se mantém, relativamente à propagação de certa forma exponencial da vespa das galhas do castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus Yasumatsu*). Nas árvores atacadas é bem visível a sua debilidade, sendo a floração e a respetiva frutificação, bastante reduzidas.

Avelã e Noz

Também estas culturas estão numa situação periclitante, excetuando-se os casos (essencialmente na noqueira) em que há disponibilidade de água para rega. Nestas condições, as culturas apresentam desenvolvimento vegetativo e frutificação equivalentes a um ano normal.



Nogueiras em Vinhais, na zona de observação da Terra Fria.
Foto por Anabela Coimbra



9 Vinha

9.1 Sub-Região de Entre Douro e Minho

Uva de Mesa

Estima-se uma ligeira quebra (-3%) na produção, relativamente ao ano anterior.

Vinha para Vinho

Há vinhas em sequeiro que evidenciam algum stress hídrico. Alguns viticultores suspenderam as regas porque a água se esgotou. A humidade noturna dos últimos 15 dias tem amenizado a situação. Os efeitos da conjugação da seca com as elevadas temperaturas traduzem-se em: cachos pequenos (o bago não cresce), escaldão (bagos espessos, calcinados pelo calor e que não amadurecem devidamente) e morte de videiras pela esca (*Phaeomoniella chlamydospora*, *Phaeoacremonium spp.*, *Fomitiporia mediterrânea* e outros). Este problema sanitário está presente em praticamente todas as vinhas da região. Num ano normal, a videira desenvolve-se e produz, apesar da doença. Mas este ano, devido à seca e às elevadas temperaturas, as videiras sucumbiram.

Verifica-se uma grande heterogeneidade no estado de maturação, dentro da mesma vinha e região, com castas Fernão Pires e Trajadura, muito adiantadas.

Uma consequência visível das temperaturas elevadas, tanto na casta Vinhão, como Loureiro é a heterogeneidade na maturação, pois nem todos os cachos estão maduros por completo, existindo alguns cachos com bagos verdes, assim como alguma desidratação.

Os viticultores estão a ponderar antecipar as vindimas como forma de atenuar as quebras de produção.

Num ano que se previa uma produção idêntica à do ano anterior, a evolução recente vem contrariar esta previsão estimando-se uma quebra (-5%) da produtividade, comparativamente ao ano transato. Na zona do Alvarinho, a uva para vinho está no final da maturação e o início das vindimas está previsto para os primeiros dias de setembro, com antecipação de uma semana, relativamente ao ano anterior.

Em zonas mais expostas e de maior altitude, observam-se muitas vinhas com escaldão ao nível da folha e do cacho e/ou em stress hídrico, cujas produções irão ser afetadas. Se não chover neste período próximo da colheita, também as graduações poderão vir a ser inferiores. Não houve, contudo, problemas fitossanitários significativos a registar. Estima-se uma quebra (-4%) da produtividade por comparação com o ano precedente.



Uvas tintas na maturação e com bom estado sanitário, na zona de observação do Minho.
Foto por Aurora Alves

9.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

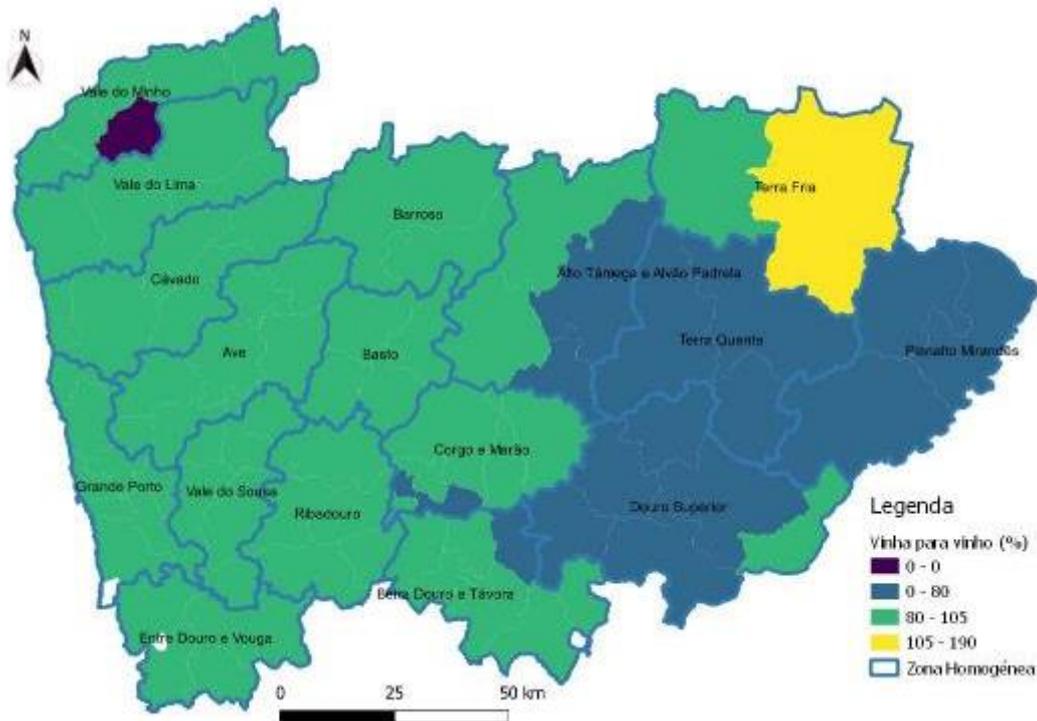
O fenómeno do escaldão, provocado pela insolação, é uma realidade em diversas vinhas mas não as afetou todas por igual. Sendo uma cultura desenvolvida na sua generalidade na condição de sequeiro, fica mais exposta à situação de seca com consequências prejudiciais evidentes no seu desenvolvimento vegetativo. O agravamento da quebra prevista neste mês é inevitável.

Felizmente as ocorrências de quedas de granizo, que provocaram estragos significativos nas vinhas atingidas, foram situações localizadas.

Comparativamente ao ano anterior, para a uva de mesa, a estimativa da produção global colhida é de uma quebra de -22,4% (-62 t) e para a vinha para vinho, a previsão é também de uma diminuição da produtividade de -19,9% (-548 litros de mosto/ha).



Vinha na zona de observação do Corgo e Marão.
Fotos por Rui Lagoa



Mapa 6. Evolução da produtividade de "**Mosto**" na vinha para vinho, comparativamente ao ano anterior – por concelho (%).

10 Olival

10.1 Sub-Região de Entre Douro e Minho

Nos olivais de azeitona para azeite que floriram bem, grande parte da flor acabou por cair devido às condições meteorológicas tendo originado um deficiente vingamento do fruto. Recorde-se que este é um ano de contrassafra e, muito provavelmente, a produção será residual.

10.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

A cultura é desenvolvida predominantemente em condição em sequeiro. Embora tenha um elevado grau de rusticidade e de adaptação ao meio em que está inserida, a seca tem uma grande influência no seu desenvolvimento vegetativo, resultando na queda prematura dos frutos vingados e de parte da sua folhagem. Perspetiva-se, por isso, uma quebra expressiva na produção.



Olival na zona de observação do Douro Superior.
Foto por Rui Lagoa

11 Prados, pastagens e culturas forrageiras

11.1 Sub-Região do Entre Douro e Minho

As sementeiras de milho forrageiro realizadas até final de abril, princípio de maio apresentam bom aspeto e vigor, especialmente as realizadas em terras "lentas", à beira de linhas de água.

Nas sementeiras realizadas depois de maio, os milhos estão mais baixos, com entrenós curtos, provocando uma quebra de produção. Verifica-se, em boa parte dos campos, que a planta está seca até à espiga, por falta de água, mas também de azoto (houve uma redução na aplicação adubos, devido à subida vertiginosa dos custos de produção).

A maior parte das áreas de milho é regada ao longo do dia, mesmo nas horas de maior calor, com recurso a sistemas de aspersão e canhão, pouco eficientes. Só uma percentagem reduzida de agricultores utiliza sistemas de rega gota a gota no milho (fita de rega).

Persistem os estragos provocados pelos ataques dos javalis, como o evidencia a foto infra. Há áreas significativas de milho ainda na fase entre a 6 e 8ª folha. Nestas sementeiras mais tardias, a fase de maior exigência de água começa agora, pelo que a manterem-se as atuais condições, a produção poderá ser significativamente afetada.

Estima-se uma quebra (-11%) da produtividade em relação ao ano anterior. Ensilou-se no dia 1 de agosto, no Grande Porto, com milho em estado inadequado (desidratado e fibroso), constituindo um facto inédito. Regra geral, prevê-se uma antecipação das ensilagens, cerca de 15 dias, comparativamente ao ano anterior.

O sorgo e a luzerna tiveram menos cortes devido à escassez de água. Estima-se uma quebra (-11%) da produtividade do sorgo, por comparação com o ano anterior.



Danos causados pelos javalis, num campo de milho forrageiro, em Santa Maria da Feira, zona de observação de Entre Douro e Vouga.
Fotos por Isabel Correia



Campo de sorgo destinado a corte único em Oliveira de Azeméis, zona de observação de Entre Douro e Vouga

Até os prados de regadio estão praticamente secos. Os prados de sequeiro, mesmo dispondo de espécies adaptadas à secura, ressentem-se das elevadas temperaturas e da absoluta inexistência de humidade no solo. Não há produção forrageira nos prados, nem nas pastagens pobres. Perspetiva-se uma diminuição (-6%) da produção das pastagens temporárias.

Em zonas de altitude, a falta de chuva está a comprometer as pastagens, dificultando também o abeberamento dos animais. Em relação às pastagens permanentes melhoradas, estima-se uma quebra (-6%) da produção, em relação ao ano transato.

Nas pastagens de altitude começa a faltar alimento, obrigando à distribuição de forragens conservadas, que estavam destinadas ao período invernal. A estimativa é de uma diminuição (-8%) da produção das pastagens permanentes pobres em relação ao ano transato.

Devido à rarefação da oferta alimentar, os herbívoros são obrigados a percorrer maiores distâncias para se conseguirem alimentar.



Pastoreio em baldio, na zona de observação do Lima.

Fotos por Sandra Coelho



Fardos de feno para alimentação animal, na zona de observação do Lima.

Os agricultores em geral queixam-se das enormes dificuldades por que estão a passar em consequência do aumento dos preços das rações industriais, luz, combustíveis, entre outros fatores de produção. Muitos criadores já optam por antecipar a venda dos vitelos - aos 3 meses de idade - para suprimirem os custos alimentares na fase de crescimento.

Diversos cursos de água utilizados para abeberamento dos animais encontram-se praticamente sem caudal. Por vezes, os agricultores têm de disponibilizar água e forragens no monte.

Esta é uma situação delicada pois, por regra, são culturas que dependem da água da chuva e do grau de recuperação dos lençóis freáticos. Ora nenhuma destas condições se verificou, pelo que a produção forrageira está em níveis mínimos ou nulos.

11.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

Relativamente ao ano anterior, estimam-se produções colhidas de alimentos grosseiros, nomeadamente fenos e silagens, inferiores em cerca de -20% dos valores obtidos no ano anterior.

As condições de pastoreio, em muitas zonas, foram condicionadas na produção de matéria verde pela situação de seca, sendo mais evidente nos prados e pastagens instalados em terrenos com níveis de água no solo mais baixos ou mesmo em alguns deles na situação de ponto de emurchecimento permanente (PEP). Ressalvam-se os casos particulares de prados junto a linhas de água e em terrenos de aluvião que ainda proporcionam um manto de matéria verde em níveis razoáveis.

A administração de rações industriais é efetuada num contexto de complementaridade e em situações específicas de alimentação base.



Contraste entre pastagem regada com canhão aspersor e parte não regada. Zona de observação da Terra Fria.

Foto por Rui Lagoa

12 Fitossanidade

12.1 Sub-Região do Entre Douro e Minho

Na vinha, com exceção da mortalidade das videiras afetadas pela esca, o período decorreu sem sobressaltos do ponto de vista sanitário. Realizaram-se os habituais tratamentos para a flavescência dourada e oídio. Mas registam-se também casos de escaldão - principalmente nas vinhas onde se fez a desfolha atempada - e de stress hídrico.



Vinha da casta alvarinho em stress hídrico e com sintomas de escaldão, zona de observação do Minho. Foto por Aurora Alves

Vinha Casta Vinhão, com resultado visível do míldio e dos escaldões sentidos. Zona de observação do Lima. Foto por Sandra Coelho

A **Estação de Avisos do EDM** emitiu a circular nº 11 no dia 12 de agosto de 2022 onde é feita a recomendação para não tratar no caso das doenças da vinha do míldio (*Plasmopara vitícola*), do oídio (*Erysiphe necator*), podridão cinzenta (*Botrytis cinerea*), black rot (*Guignardia bidwelii*), traça da uva (*Lobesia botrana*) e cigarrinha verde (*Empoasca vitis*). Acerca da esca (*Phaeomoniella chlamydospora*, *Phaeoacremonium spp.*, *Fomitiporia mediterrânea* e outros) é feita a recomendação de arranque das videiras em que sejam evidentes os sintomas secundários. A mesma recomendação de arranque é feita para as videiras que evidenciem todos os sintomas da flavescência dourada. É feita a recomendação para a preparação do 3º tratamento contra a cigarrinha da flavescência dourada (*Scaphoideus titanus*) apenas nas freguesias identificadas na lista em anexo à circular. São feitas alertas sobre o stress hídrico e sobre o escaldão, aconselhando à não realização de desfolhas ou despontas (devido às temperaturas verificadas).

É feita a atualização sobre o estado das doenças da actinídea e pequenos frutos, nomeadamente dos mirtilos em cultura ao ar livre, das pomóideas, dos citrinos - especialmente do rachamento destes frutos devido ao stress hídrico - das doenças da noqueira, da batateira e das ornamentais. Para o castanheiro ainda é válido o aconselhamento feito na circular anterior (nº 10).

12.2 Sub-Região de Trás-os-Montes

A **Estação de Avisos da Douro** emitiu em agosto a circular 09/2022 de 09 de agosto, chamando a atenção dos viticultores para a obrigatoriedade da luta contra a Cigarrinha da Flavescência Dourada (*Scaphoideus titanus*), numa série de freguesias, de concelhos da área de influência desta Estação de Avisos. Também é recomendada a vigilância da Cigarrinha Verde, da Traça da Uva e da Esca da Videira.

Como sempre, informação mais pormenorizada pode ser obtida [consultando as circulares em causa](#).

13 Tabelas com os valores quantitativos recolhidos

Tabela de evolução da Produção dos Cereais Praganosos para Grão, na Sub-Região de Entre Douro e Minho, comparativamente ao ano anterior

Zonas de observação	Trigo		Centeio		Aveia	
	Produção		Produção		Produção	
	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)
Ave			93	22	90	19
Basto			94	23	95	0,4
Cávado	100	3	100	17	100	5
Entre Douro e Vouga			80	5	80	44
Grande Porto			80	1	80	11
Ribadouro	90	7	68	31	86	4
Vale Lima			94	16	91	3
Vale Minho			90	4	90	13
Vale Sousa			61	9	82	7
Sub-Região de EDM	93,0	10,2	82,8	127,4	84,4	107,7

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Tabela de evolução da Produtividade do Milho Grão em Sequeiro e do Milho Grão em Regadio, na Sub-Região de Entre Douro e Minho, comparativamente ao ano anterior

Zonas de observação	Milho em Sequeiro		Milho em Regadio	
	Produtividade		Produtividade	
	(%)	(kg/ha)	(%)	(kg/ha)
Ave	98	2 337	91	4 940
Basto	92	2 262	86	5 414
Cávado	100	3 408	96	7 404
Entre Douro e Vouga	90	4 492	87	6 321
Grande Porto	88	4 431	91	8 170
Ribadouro	89	1 396	90	4 404
Vale Lima	90	1 445	91	3 638
Vale Minho	93	1 729	96	4 815
Vale Sousa	90	1 324	90	6 373
Sub-Região de EDM	94,3	2 499,4	91,8	5 817,8

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Tabela de evolução da Produção dos Cereais Praganosos para Grão, na Sub-Região de Trás-os-Montes, comparativamente ao ano anterior

ZONAS DE OBSERVAÇÃO	Trigo		Centeio		Aveia		Cevada		Trifcale	
	Produção		Produção		Produção		Produção		Produção	
	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)
A.Tâmega/A.Padrela	79	238	87	3622	74	56	77	7	85	10
Barroso	80	20	95	1649	75	15	80	2		
Beira Douro Távora	80	39	80	143	80	62				
Corgo e Marão	80	2	80	22	80	12				
Douro Superior	79	152	76	205	78	62	74	12		
Planalto Mirandês	83	2594	80	955	100	1373	100	33	90	377
Terra Fria	85	959	81	2889	113	550	95	31	99	151
Terra Quente	74	291	71	691	74	222	71	11	75	18
Sub-Região de TM	82,2	4 296	83,9	10 177	96,8	2 351	88,1	96	91,7	555
Varição ano anterior	-17,8	- 928	-16,1	- 1 949	- 3,2	- 78	-11,9	- 13	-8,3	- 50

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Tabela de evolução da Produtividade do Milho Grão em Sequeiro e do Milho Grão em Regadio, na Sub-Região de Trás-os-Montes, comparativamente ao ano anterior

Zonas de observação	Milho em Sequeiro		Milho em Regadio	
	Produtividade		Produtividade	
	(%)	(kg/ha)	(%)	(kg/ha)
A.Tâmega/A.Padrela	60	595	76	2 580
Barroso	70	945	80	2 902
Beira Douro Távora	84	919	89	2 962
Corgo e Marão	85	1 029	85	2 610
Douro Superior	75	880	72	2 203
Planalto Mirandês	100	1 022	100	2 500
Terra Fria	70	693	85	2 329
Terra Quente	50	501	68	1 835
Sub-Região de TM	73,1	808	78,9	2 670
Varição ano anterior	- 26,9	- 298	- 21,1	- 713

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Tabela de evolução da produtividade de Feijão na Sub-Região de Entre Douro e Minho, comparativamente ao ano anterior

Zonas de observação	Feijão	
	Produtividade	
	(%)	(kg/ha)
Ave	100	795
Basto	94	577
Cávado	98	759
Entre Douro e Vouga	80	696
Grande Porto	80	815
Ribadouro	90	494
Vale Lima	90	406
Vale Minho	90	539
Vale Sousa	87	786
Sub-Região de EDM	91,1	640,1

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Tabela de evolução da Produtividade do Grão-de-Bico e do Feijão, na Sub-Região de Trás-os-Montes, comparativamente ao ano anterior

Zonas de observação	Grão-de-Bico		Feijão	
	Produtividade		Produtividade	
	(%)	(kg/ha)	(%)	(kg/ha)
A.Tâmega/A.Padrela	88	547	76	533
Barroso			90	806
Beira Douro Távora	90	995	90	1 001
Corgo e Marão	90	737	90	959
Douro Superior	88	736	85	802
Planalto Mirandês	100	786	100	868
Terra Fria	80	523	80	541
Terra Quente	79	539	66	482
Sub-Região de TM	95	749	85,0	715
Varição ano anterior	- 5,0	- 40	-15,0	- 126

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Tabela de evolução da produção global da Batata de sequeiro e da Batata de regadio, na Sub-Região do Entre Douro e Minho, comparativamente ao ano anterior

Zonas de observação	Batata de Sequeiro		Batata de Regadio	
	Produção global		Produção global	
	(%)	(t)	(%)	(t)
Ave	89	246	92	5 151
Basto	83	35	88	3 224
Cávado	83	1 113	86	3 834
Entre Douro e Vouga	81	397	72	1 855
Grande Porto	81	1146	72	3 975
Ribadouro	73	68	80	5 279
Vale Lima	81	1 372	84	2 651
Vale Minho	80	287	79	1 346
Vale Sousa	73	159	89	4 217
Sub-Região de EDM	81,2	4 823,2	83,0	31 533,2

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Tabela de evolução da produção da Batata de sequeiro e da produtividade da Batata de regadio, na Sub-Região do Trás-os-Montes, comparativamente ao ano anterior

Zonas de observação	Batata de Sequeiro		Batata de Regadio	
	Produção global		Produção global	
	(%)	(t)	(%)	(t)
A.Tâmega/A.Padrela	61	873	75	13946
Barroso	75	1266	85	2822
Beira Douro Távora	98	266	91	1 1342
Corgo e Marão	91	302	90	8105
Douro Superior	88	556	73	3886
Planalto Mirandês	95	869	95	3987
Terra Fria	85	635	90	5237
Terra Quente	46	106	58	3787
Sub-Região de TM	77,8	4 871	81,3	53 111
Varição ano anterior	- 22,2	- 1 387	- 18,7	- 12 247

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Tabela de evolução da produtividade da Maçã, Pera e Kiwi e da produção global do Pêssego e do Mirtilo, na Sub-Região de Entre Douro e Minho, relativamente ao ano anterior

ZONAS DE OBSERVAÇÃO	Maçã		Pera		Kiwi		Pêssego		Mirtilo	
	Produtividade		Produtividade		Produtividade		Produção		Produção	
	(%)	(kg/ha)	(%)	(kg/ha)	(%)	(kg/ha)	(%)	(t)	(%)	(t)
Ave	93	6 515	89	3 852	84	9 671	91	20	77	254
Basto	97	1 222	107	464	88	8 372	87	2	81	91
Cávado	80	12 483	80	5 286	98	21 962	100	67	70	519
Entre Douro e Vouga	70	6 608	80	8 683	88	11 949	80	18	70	472
Grande Porto	70	5 600	80	7 200	82	25 053	80	23	70	173
Ribadouro	85	4 949	93	4 201	93	10 116	89	27	85	1 757
Vale Lima	80	7 056	80	4 518	95	16 486	90	61	75	173
Vale Minho	80	7 368	80	5 302	95	20 317	90	11	65	88
Vale Sousa	79	6 524	83	3 402	96	18 912	87	14	81	273
Sub-Região de EDM	80,2	7 288,6	83,9	4 516,8	90,7	16 331	90,4	242,7	77,8	3 801,0

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Tabela de evolução da produtividade da Maçã, Pera, Figo e Kiwi e da produção global do Pêssego e do Mirtilo, na Sub-Região de Trás-os-Montes, relativamente ao ano anterior

ZONAS DE OBSERVAÇÃO	Maçã		Pera		Pêssego		Laranja		Mirtilo	
	Produtividade		Produtividade		Produção		Produção		Produção	
	(%)	(kg/ha)	(%)	(kg/ha)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)
A.Tâmega/A.Padrela	72	14 906	72	8 681	71	174	93	8	85	149
Barroso	80	4 715	80	4 998						
Beira Douro Távora	88	31 171	89	19 371	90	145	100	158	89	259
Corgo e Marão	86	28 764	85	10 727	87	47	100	234	90	30
Douro Superior	63	14 312	72	5 999	67	717	97	1460	89	59
Planalto Mirandês	80	8 255	80	3 489	80	20	95	14	100	20
Terra Fria	80	8 158	85	2 642	85	14			90	53
Terra Quente	70	10 390	73	4 462	63	471	90	50	86	126
Sub-Região de TM	84,5	26 422	84,7	11 152	68,5	1 588	97,6	1 924	88,0	697
<i>Varição ano anterior</i>	<i>- 15,5</i>	<i>- 4 835</i>	<i>- 15,3</i>	<i>- 2 019</i>	<i>- 31,5</i>	<i>- 732</i>	<i>- 2,4</i>	<i>- 47</i>	<i>- 12,0</i>	<i>- 95</i>

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Tabela de evolução da produção global da Laranja na Sub-Região de Entre Douro e Minho, comparativamente ao ano anterior

Zonas de observação	Laranja	
	Produção global	
	(%)	(t)
Ave	90	453
Basto	89	12
Cávado	100	911
Entre Douro e Vouga	90	104
Grande Porto	90	162
Ribadouro	88	457
Vale Lima	92	271
Vale Minho	100	68
Vale Sousa	85	51
Sub-Região de EDM	93,3	2 489,0

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Tabela de evolução da produtividade do figo fresco e kiwi, na Sub-Região de Trás-os-Montes, relativamente ao ano anterior

ZONAS DE OBSERVAÇÃO	Figo fresco		Kiwi	
	Produtividade		Produtividade	
	(%)	(kg/ha)	(%)	(kg/ha)
A.Tâmega/A.Padrela	20	294	90	1 987
Barroso				
Beira Douro Távora	92	1 060	90	1 042
Corgo e Marão	92	777	90	424
Douro Superior	56	991		
Planalto Mirandês	80	1 821		
Terra Fria	80	1 134	100	7 000
Terra Quente	15	198	90	5 469
Sub-Região de TM	32,2	471	91,1	2 167
<i>Varição ano anterior</i>	<i>- 67,8</i>	<i>- 203</i>	<i>- 8,9</i>	<i>- 211</i>

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Tabela de evolução da produtividade da Amêndoa na Sub-Região de Trás-os-Montes, comparativamente ao ano anterior

Zonas de observação	Amêndoa	
	Produtividade	
	(%)	(kg/ha)
A.Tâmega/A.Padrela	60	374
Barroso		
Beira Douro Távora	90	612
Corgo e Marão	90	478
Douro Superior	87	747
Planalto Mirandês	70	359
Terra Fria	190	350
Terra Quente	62	268
Sub-Região de TM	87,1	505
Varição do ano anterior	- 21,9	- 142

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Tabela de evolução da Produtividade da Vinha para Vinho (Mosto) e da Produção global da Uva de Mesa, na Sub-Região de Entre Douro e Minho, relativamente ao ano anterior

Zonas de observação	Vinha para Vinho		Uva de Mesa	
	Produtividade (Mosto)		Produção	
	(%)	(l/ha)	(%)	(t)
Ave	91	2 621	90	2
Basto	90	3 492	90	2
Cávado	95	2 451	95	5
Entre Douro e Vouga	95	1 504		
Grande Porto	95	4 905		
Ribadouro	89	2 184	98	67
Vale Lima	98	3 075	98	1
Vale Minho	97	4 016		
Vale Sousa	99	6 701	90	1
Sub-Região do EDM	94,9	3 660	97,2	78,9

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.

Tabela de evolução da produtividade da Vinha para Vinho (Mosto) e da Produção global da Uva de Mesa, na Sub-Região de Trás-os-Montes, relativamente ao ano anterior

Zonas de observação	Vinha para Vinho		Uva de Mesa	
	Produtividade (Mosto)		Produção	
	(%)	(l/ha)	(%)	(t)
A.Tâmega/A.Padrela	67	1 092	70	28
Barroso	90	80		
Beira Douro Távora	85	4 165	85	50
Corgo e Marão	84	2 618	84	36
Douro Superior	73	1 631	76	39
Planalto Mirandês	80	1 669	80	43
Terra Fria	91	1 510	90	6
Terra Quente	69	378	56	14
Sub-Região de TM	80,1	2 209	77,6	216
Varição ano anterior	- 19,9	- 548	- 22,4	- 62

Nota: Os valores considerados como ponto de partida (ano agrícola 2020/2021), para se determinar a evolução em 2021/2022, são bases provisórias, sujeitas a retificação posterior.